**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**

**RESUMO DO TEXTO *EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença?***

Seropédica, RJ  
2021

No texto, a autora Edméa Santos (2020) relata suas experiências com relação à educação *online* e à distância, desde 2007, quando, por conta da má-fama da gestão Garotinho, que implementou o modelo no estado do Rio de Janeiro, tal modelo de ensino era ainda tido como algo de menor prestígio e significância. Para romper com este ciclo, Santos (*op. cit.*), estudiosa da cibercultura, trouxe abordagens diferentes ao criar sua disciplina.

Conforme relata (SANTOS, *op. cit.*), a autora propiciou, aos tutores dos polos presenciais, uma formação contínua à docência *online*. Desfez-se, também, tanto do material quanto da tutoria física, optando por um desenho didático mais voltado ao ambiente virtual e suas atividades síncronas e assíncronas — fóruns de discussões e *wikis*. — No caso destas últimas, incentivou-se os docentes à promoção do debate ativo, da comunicação.

Outra vantagem, suscitada por Santos (*op. cit.*), das atividades assíncronas sobre as síncronas, é a flexibilidade daquela em relação a esta. Afinal, o modelo síncrono não é tão democrático, por ser uma comunicação realizada necessariamente em tempo real e, portanto, exigir a presença do estudante, além de conexão razoável e constante por parte deste, ao longo de sua duração.

A propósito da comunicação, esta é fundamental para o desenho didático dos modelos à distância de ensino, porque, segundo Santos, “a plataforma digital só se transforma num ambiente virtual de aprendizagem (AVA) com as pessoas produzindo o currículo *online* cotidianamente, juntas, criando e disputando sentidos, produzindo conteúdos e processos de subjetivação em rede” (*op. cit.*) De fato, não há educação se docentes e discentes mal se comunicam, não interagem, não atuam na fomentação da didática.

Entretanto, como a própria autora aponta (SANTOS, *op. cit.*), no contexto virtual, é preciso tomar cuidado com a forma, e produzir conteúdo hipertextual e multimídia. Tal conteúdo deve permitir um aprendizado aberto, que possibilite, ao estudante, percorrer múltiplas trilhas, experimentar variadas didáticas, a fim de adquirir seu conhecimento. É preciso explorar as interfaces, as pluralidades, e não se reter a meios lineares de aprendizagem. E a modalidade de ensino à distância propicia que se explore uma horizontalidade acadêmica.

Conforme Santos, “não é a materialidade do digital em rede que garante a educação online. O que a garante é o currículo que forjamos na mediação interativa e hipertextual da comunicação e da produção do conhecimento em rede” (*op. cit.*) Ou seja, mais do que se voltar às especificidades do meio virtual, urge que se aproveite as novas possibilidades de produção de conhecimento e, principalmente, de interação que ele traz.

Para isso, o ambiente virtual não necessariamente precisa construir-se sobre plataformas especializadas. Por exemplo, a autora que utilizava páginas *web* e listas de discussão como AVA no começo da carreira, e que o mesmo seria possível com blogues (SANTOS, *op. cit.*): essencial é interação e comunicação, não a mídia, como já falado. Senão, tem-se apenas material para autoestudo, feito o caso do blogue cuja única mediação das professoras com os estudantes era síncrona, nos horários da disciplina. O blogue, portanto, era só uma forma de ensino remoto.

É este o mesmo caso da contemporaneidade, onde o ensino ocorre, atualmente, de forma majoritariamente remota, ao menos na maioria dos grandes centros universitários. Não há, nesta modalidade de ensino remoto, aproveitamento do ciberespaço. O que se tem, de fato, é, simplesmente, a aula presencial mediada por ferramentas e plataformas digitais. Não há comunicação ou interação fora de classe, não há pluralidade de formas, exploração do hipertexto ou da multimídia. É apenas diferença e repetição do que já existia, mas virtualizado.

O ensino remoto possibilita interações — ainda que de formas mínimas —, certamente, o que, por si só, já é positivo no atual contexto global de isolamento social. Contudo, é um erro tentar repetir a fórmula presencial remotamente. Há um desgaste emocional significativo tanto de docentes quanto de discentes, desgaste este que é consequência de um trabalho pedagógico que, em seu cerne, não é tão eficiente quanto poderia ser, tampouco é atrativo aos envolvidos.

Não é certo culpar o ensino a distância pelos recorrentes problemas no ensino remoto. Afinal, já é um desafio, ao modelo a distância, desvencilhar-se das más práticas neoliberais de universidades privadas comumente associadas a ele. Mais do que um local de formação meramente técnica, o ensino a distância convida e propicia a adoção de novas abordagens explorativas, a pluralidade das interfaces comunicativas, a construção de novos significados. Em suma, é mais que a frialdade inorgânica do *hardware*; é humano, demasiadamente humano.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

SANTOS, Edméa. **EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos.** Notícias, Revista Docência e Cibercultura, ago. 2020, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em: 6 mar. 2021.